Os Perigos da Automedicação com Paracetamol: Uma Revisão de Literatura

Autor(res)

Alanna Nascimento Delgado Mota
Edileuda Rodrigues Viana
Leticia Alves Barbosa
Silvana De Sousa Ribeiro

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA

Introdução

A automedicação, que se refere ao uso de medicamentos sem a devida prescrição de um profissional de saúde, como médicos ou cirurgiões-dentistas, é uma prática bastante difundida e comum, especialmente em países como o Brasil. Muitos indivíduos recorrem a medicamentos de fácil acesso, como analgésicos e antitérmicos, para tratar sintomas sem consultar um profissional habilitado. Essa prática é facilitada pela ampla disponibilidade desses medicamentos, que podem ser adquiridos em farmácias, drogarias e até supermercados, sem a necessidade de prescrição médica. Contudo, embora pareça uma solução rápida para alívio de sintomas, a automedicação pode gerar sérios riscos à saúde, uma vez que o uso inadequado de medicamentos pode desencadear complicações graves, tanto no curto quanto no longo prazo (Xavier, 2021).

Entre os medicamentos mais comumente utilizados na automedicação estão os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), que são considerados seguros para o tratamento de doenças de baixa gravidade e alta prevalência, desde que utilizados de maneira racional e conforme orientações adequadas. Esses medicamentos, por serem de fácil acesso, têm seu uso disseminado, o que contribui para o aumento dos índices de automedicação no Brasil. Além dos MIPs, os medicamentos de tarja vermelha, que também podem ser adquiridos sem retenção de receita, elevam ainda mais esses índices, o que é preocupante. Entre os fármacos mais utilizados nessa prática está o Paracetamol, um dos analgésicos e antitérmicos mais vendidos no Brasil e no mundo, que se destaca por sua eficácia no controle da dor e da febre (Soterio; Dos Santos, 2016).

O Paracetamol é um medicamento não esteroidal, pertencente à classe dos analgésicos não esteroidais (AINE), utilizado amplamente devido à sua eficácia no alívio de dores leves a moderadas, bem como no controle da febre. Justamente por essa razão, o Paracetamol é classificado como um Medicamento Isento de Prescrição (MIP), o que facilita ainda mais o seu uso indiscriminado pela população.

Muitas pessoas, ao sentirem qualquer desconforto ou dor, recorrem ao Paracetamol sem buscar orientação profissional, confiando em sua aparente segurança. No entanto, essa percepção de segurança, aliada ao fácil acesso e à vasta informação disponível nos meios digitais, contribui para um aumento significativo na automedicação com esse medicamento, o que acarreta sérios riscos à saúde pública (Tonon, 2020).

Embora o Paracetamol seja, de fato, eficaz quando utilizado de forma adequada, seu uso inadequado, especialmente em doses elevadas ou de forma contínua, pode provocar intoxicações graves. O Paracetamol é metabolizado pelo fígado, e, quando consumido em quantidades excessivas, pode sobrecarregar esse órgão, levando à hepatotoxicidade, que é o dano ao fígado. Esse risco é ainda maior em pessoas que já têm algum comprometimento hepático pré-existente, como os portadores de doenças hepáticas crônicas ou aqueles que consomem bebidas alcoólicas de forma abusiva. Em casos extremos, o uso abusivo de Paracetamol pode levar à falência hepática e, em situações ainda mais graves, ao óbito. Assim, torna-se crucial a conscientização da população acerca desses riscos, para que o medicamento seja utilizado de forma responsável e sempre com orientação profissional (Tonon, 2020).

Outro aspecto relevante a ser considerado é o potencial de interação do Paracetamol com outros medicamentos. Muitas vezes, as pessoas que se automedicam não consideram as interações medicamentosas, ou sequer têm conhecimento de que o uso simultâneo de diferentes substâncias pode ser perigoso. O Paracetamol, quando combinado com outros medicamentos, pode potencializar ou diminuir os efeitos dessas substâncias, gerando efeitos colaterais inesperados ou aumentando o risco de toxicidade. Além disso, seu uso em conjunto com outras substâncias hepatotóxicas pode intensificar o risco de danos ao fígado. Portanto, é fundamental que a automedicação seja evitada, e que os indivíduos busquem sempre a orientação de um profissional de saúde, seja médico ou farmacêutico, antes de iniciar o uso de qualquer medicamento.

Nesse contexto, o papel do farmacêutico é de extrema importância. Como profissional da saúde acessível à população, o farmacêutico tem a responsabilidade de orientar corretamente os pacientes sobre o uso seguro e adequado dos medicamentos, incluindo o Paracetamol. Cabe a esse profissional alertar sobre os riscos do uso indiscriminado, fornecer informações claras sobre a posologia adequada, além de conscientizar sobre os possíveis efeitos colaterais e interações medicamentosas. A atuação do farmacêutico pode ser decisiva para evitar casos de intoxicação e outros problemas de saúde decorrentes da automedicação. Por isso, é essencial que a população esteja ciente da importância de buscar orientação farmacêutica e valorize a consulta a esse profissional antes de fazer uso de medicamentos, mesmo aqueles de venda livre (Soterio; Dos Santos, 2016).

Em síntese, o uso indiscriminado do Paracetamol, como de outros medicamentos, sem a devida prescrição ou orientação de um profissional de saúde, representa um grave risco à saúde pública. A automedicação com esse fármaco, facilitada pelo seu fácil acesso e pela grande quantidade de informações disponíveis na internet, pode levar a intoxicações graves e até fatais, especialmente quando utilizada em doses excessivas. Além disso, as interações medicamentosas e os efeitos colaterais adversos podem agravar ainda mais o quadro clínico de quem faz uso inadequado desse medicamento.

Objetivo

Compreendee aspectos farmacológicos do Paracetamol, descrever os perigos da automedicação com esse medicamento e discorrer sobre a importância do farmacêutico na orientação a cerca do uso correto do Paracentamol.

Analisar os riscos à saúde decorrentes do uso indiscriminado e sem prescrição do Paracetamol. Para tanto, o estudo busca especificamente compreender os aspectos farmacológicos desse medicamento, descrever os perigos associados à automedicação e destacar a importância do farmacêutico na orientação e educação sobre o uso adequado do Paracetamol.

Material e Métodos

A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho foi baseada em uma revisão de literatura, com o objetivo de investigar os riscos à saúde relacionados ao uso indiscriminado do Paracetamol. A pesquisa foi realizada em bases de dados bibliográficas reconhecidas, como PubMed, Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, nas quais foram buscados estudos recentes e relevantes sobre o tema. Para a seleção das fontes, foram considerados livros, artigos acadêmicos, revistas especializadas e publicações científicas que apresentassem conteúdo atualizado e pertinente ao tema abordado.

Os dados coletados são de natureza secundária, ou seja, foram obtidos a partir de materiais previamente publicados e disponíveis ao público. As fontes incluem periódicos científicos, publicações online de cunho público, bem como livros de autores renomados que tratam do assunto em questão. Foram adotados descritores específicos durante a busca, tais como: "Automedicação," "Self- medication," "Paracetamol," "Prescrição médica," "Medicamentos Isentos de Prescrição," e "Auto Medicação com Paracetamol," para garantir a amplitude e a relevância dos estudos analisados.

A pesquisa bibliográfica foi limitada ao período de 2014 a 2024, de modo a garantir que as informações incluídas fossem atualizadas e refletissem os avanços mais recentes no conhecimento sobre o tema. Foram consideradas publicações nos idiomas português, inglês e espanhol, com o intuito de ampliar o escopo da pesquisa e incluir uma diversidade de perspectivas e resultados sobre os riscos do uso indiscriminado do Paracetamol e a automedicação. Esse processo permitiu uma análise aprofundada do tema, fornecendo uma base teórica sólida para a discussão dos problemas de saúde associados a essa prática.

Resultados e Discussão

Paracetamol

O Paracetamol, também conhecido como Acetaminofeno, é um analgésico não esteroidal (AINE) com propriedades analgésicas e antitérmicas, amplamente utilizado no controle da dor e da febre. Esse medicamento pode ser encontrado em diversas formas de apresentação, como comprimidos, cápsulas, pastilhas e fórmulas líquidas, administrado predominantemente por via oral (Tonon et al., 2020). Descoberto na Alemanha em 1877, o Paracetamol é atualmente um dos medicamentos mais usados para o controle de febre e dor, especialmente na Europa e nos Estados Unidos. É considerado eficaz e seguro, sendo amplamente presente nos lares e utilizado nos sistemas de saúde (Oliveira; Andrade, 2021).

A administração do Paracetamol ocorre principalmente por via oral, e sua biodisponibilidade é alta, podendo atingir 89%. Quando administrado na forma de solução, o pico de concentração na corrente sanguínea ocorre cerca de 30 minutos após a ingestão; em comprimido, esse pico ocorre entre 45 e
60 minutos. Em casos que exigem uma maior biodisponibilidade, o medicamento pode ser administrado por via intravenosa. Após a ingestão, o Paracetamol é absorvido pelo trato gastrointestinal, passando por metabolismo hepático antes de entrar no sistema circulatório, num processo denominado "efeito de primeira passagem" (Farias et al., 2021).

Seu mecanismo de ação ocorre pela inibição das enzimas cicloxigenases (COX-1 e COX-2), que estão envolvidas na indução de respostas inflamatórias por meio da interação com as prostaglandinas. A dose máxima recomendada para adultos é de 4000 mg diárias, divididas em doses de 500 a 1000 mg, administradas a cada 4-6 horas. Para crianças, a dose recomendada é de 10-15 mg/kg, também em intervalos de 4-6 horas, com o limite de 5 doses por dia (Torres et al., 2019).

Embora o Paracetamol seja amplamente utilizado tanto sob prescrição médica quanto como medicamento de venda livre, ele pode causar hepatotoxicidade quando ingerido em doses elevadas, sendo uma das principais causas de insuficiência hepática aguda (IHA). O uso excessivo do medicamento pode gerar sintomas como náuseas, vômitos e dor abdominal, entre outros efeitos adversos. No entanto, o Paracetamol não é considerado um medicamento capaz de causar dependência, uma vez que não é um opióide (Brito, 2015).
Quando administrado em doses acima das recomendadas, o Paracetamol pode causar graves danos ao fígado, especialmente em pessoas que fazem uso frequente de álcool, para as quais uma dose de 4000 mg/dia já pode ser perigosa. Embora seja considerado um medicamento de primeira linha para o tratamento da dor e da febre, especialmente em pacientes idosos, seu potencial hepatotóxico deve ser levado em consideração (Freo, 2021).

Perigos da Automedicação com o Paracetamol

Apesar dos amplos conhecimentos científicos sobre os riscos e efeitos adversos associados ao uso indiscriminado do Paracetamol, a automedicação com esse medicamento ainda é uma prática comum. O Paracetamol é frequentemente visto como uma solução rápida e segura para dores e febres, mas os perigos do uso irracional são frequentemente ignorados. A ingestão excessiva pode levar à intoxicação, especialmente quando o medicamento é combinado com o consumo de álcool. Mesmo doses consideradas "baixas" podem ser prejudiciais quando há o uso concomitante de álcool (Brayner; Silva; Almeida, 2018).
Durante a pandemia de COVID-19, o Paracetamol foi amplamente utilizado como tratamento de primeira linha para sintomas de febre e dor, sendo recomendado por várias entidades de saúde. No entanto, é necessário observar as interações que o medicamento pode ter com outras substâncias,

como bebidas alcoólicas e alimentos, além de seguir rigorosamente as dosagens recomendadas para evitar intoxicações (Pandolfi et al., 2021; Remião, 2020).
O uso excessivo do Paracetamol, particularmente entre pessoas que fazem uso regular de álcool, pode resultar em danos hepáticos significativos. Uma análise realizada em 2017, utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), revelou que 8% dos casos de intoxicação por Paracetamol apresentavam interações medicamentosas graves (Lagemann; Okuyama; Silva, 2021).

Importância da Orientação Farmacêutica

A educação em saúde é fundamental para promover o uso responsável dos medicamentos e evitar os riscos associados à automedicação. O farmacêutico desempenha um papel central nesse processo, orientando os pacientes sobre o uso correto do Paracetamol e de outros medicamentos, especialmente em relação à dosagem, frequência e possíveis interações medicamentosas (Soterio; Dos Santos, 2016).
A Atenção Farmacêutica, conceito que visa à promoção da saúde, prevenção de doenças e recuperação da saúde, é uma abordagem ética e técnica que deve ser oferecida pelo farmacêutico em todas as fases da dispensação de medicamentos. No entanto, muitos profissionais não realizam essas atividades de forma eficaz, o

que prejudica a qualidade do serviço prestado nas drogarias. Portanto, é necessário um constante aprimoramento teórico e prático por parte dos farmacêuticos para garantir a correta orientação dos pacientes (Costa, 2021).
Pesquisas indicam que cerca de 80% da população brasileira pratica a automedicação, e quase 30% dos casos de intoxicação são resultado do uso inadequado de medicamentos (Ribeiro; Andrade; Neto, 2023). Dessa forma, o farmacêutico tem a responsabilidade de promover a educação em saúde,

fornecendo informações detalhadas sobre a dosagem correta, duração do tratamento, possíveis efeitos adversos e interações medicamentosas, com o objetivo de prevenir intoxicações e outros agravos (Oliveira; Andrade, 2021).
O maior risco do uso irracional do Paracetamol é a hepatotoxicidade, especialmente quando as doses diárias recomendadas são excedidas. É essencial que o farmacêutico atue como um mediador nesse processo, orientando os pacientes sobre os riscos e garantindo que o uso do medicamento seja feito de forma segura e responsável (Ribeiro; Andrade; Neto, 2023).

Conclusão

Diante do exposto, verificou-se que o Paracetamol possui uma reputação positiva quanto à sua segurança, sendo essencial em diferentes faixas etárias, especialmente entre os idosos. No entanto, o uso sem orientação profissional ainda é uma prática altamente prevalente entre a população brasileira, contribuindo significativamente para os altos índices de automedicação no país. Por se tratar de um Medicamento Isento de Prescrição (MIP), é comum que seu uso ocorra por indicação de terceiros, sem a devida consideração dos riscos à saúde.
Além disso, constatou-se que o Paracetamol possui um elevado potencial hepatotóxico, especialmente quando a dose diária de 4000 mg é excedida. O fácil acesso ao medicamento, aliado à falta de conhecimento sobre seus riscos, transforma a automedicação com Paracetamol em um problema de saúde pública grave. Diversos casos de intoxicação devido ao uso inadequado do medicamento já foram relatados. Nesse contexto, evidencia-se uma carência significativa tanto na quantidade de informações fornecidas à população quanto no acesso a cuidados médicos de qualidade.
Assim, conhecer os principais fatores que contribuem para o excesso de automedicação é fundamental para direcionar esforços na promoção da saúde e conscientização da população. Projetos que promovam a saúde por meio da

Assistência Farmacêutica devem ser implementados em todo o país, com o objetivo de informar a população sobre o Paracetamol e as implicações do seu uso irracional para a saúde sistêmica. A inclusão dos farmacêuticos no planejamento de ações nessa área é imprescindível, visto que esses profissionais são os mais capacitados para lidar com questões relacionadas a medicamentos.

Referências

BRAYNER, Nara Ferreira; DA SILVA, Aracely Andrade; DE ALMEIDA, Felipe Rodrigues. O risco do uso irracional do paracetamol na população brasileira e seus efeitos na hemostasia. RIOS- Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro,
v. 12, n. 16, 2018. Disponível em: btps://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/366.

Acesso em: 11 mai. 2024.

COSTA, Maria Cândida Valois et al. Assistência, atenção farmacêutica e a atuação do profissional farmacêutico na saúde básica. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 2, p. 6195-6208, 2021. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/26825. Acesso em: 11 mai. 2024.

DE BRITO, Naira J. Neves. Atuação do profissional farmacêutico frente ao uso de paracetamol como medicamento de venda livre. FACIDER-Revista Científica, n. 7, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306098399_Atuacao_do_profissional_Farmaceutico_frente_ao_uso_de_paracetamol_como_medicamento_de_venda_livre.
Acesso em: 11 mai. 2024.

DE FARIAS, Manoel Thomáz et al. Aspectos moleculares e citotóxicos do paracetamol: uma revisão narrativa. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 8,
p. e8511-e8511, 2021. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8511. Acesso em: 11 mai. 2024.

FREO, Ulderico et al. Paracetamol: a review of guideline recommendations. Journal of Clinical Medicine, v. 10, n. 15, p. 3420, 2021. Disponível em:
https://www.mdpi.com/2077-0383/10/15/3420. Acesso em: 11 mai. 2024.

LAGEMANN, Letícia M.; OKUYAMA, Julia H.; SILVA, Marcus T. Interações medicamentosas graves em intoxicações por paracetamol no Brasil: estudo transversal baseado no Sistema Nacional de Agravos de Notificação. Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde, v. 12, n. 3, p. 660-660, 2021. Disponível em: https://rbfhss.emnuvens.com.br/sbrafh/article/view/660. Acesso em: 11 mai. 2024.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Revista de Saúde Pública, v. 36, p. 55-62, 2002. Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2002.v36n1/55-62/pt.
Acesso em: 11 mai. 2024.

MEZAROBBA, Gabriela; BITENCOURT, R. M. Toxicidade do paracetamol: o álcool como um fator de risco. Unoesc & Ciência-ACBS, v. 9, n. 1, p. 105-112, 2018.
Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/94820234/235124317-libre.pdf. Acesso em: 11 mai. 2024.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, p. 1751-1762, 2010.
Disponível em: https://www.scielosp.org/pdf/csc/2010.v15suppl1/1751-1762/pt. Acesso em: 11 mai. 2024.

NECA, Cinthia Silva Moura et al. Perigo da automedicação irresponsável do paracetamol: uma revisão de

literatura. Research, Society and Development, v. 11, n. 17, p. e23111738103-e23111738103, 2022. Disponível em:
https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38103. Acesso em: 11 mai. 2024.

REMIÃO, Fernando. O paracetamol e a COVID-19. Revista de Ciência Elementar,
v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: https://rce.casadasciencias.org/rceapp/art/2020/023/. Acesso em: 11 mai. 2024.

RIBEIRO, Beatriz Vannier; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães; NETO, Sebastian Rinaldi. Os riscos do uso indiscriminado e irracional do paracetamol. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 5, n. 3, p. 1016-1035, 2023.
Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/349. Acesso em: 11 mai. 2024.

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. Revista da Graduação, v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/25673. Acesso em: 11 mai. 2024.

TONON, Andreza Vire et al. Consequências da automedicação e uso indiscriminado do anti-inflamatório não esteróide paracetamol em adultos. Revista Artigos.Com, v. 22, p. e5797-e5797, 2020. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/5797. Acesso em: 11 mai.
2024.

TORRES, Luciana Vilar et al. Hepatotoxicidade do paracetamol e fatores predisponentes. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, v. 17, n. 1, p. 93- 99, 2019. Disponível em: http://revistanovaesperanca.com.br/index.php/revistane/article/view/141. Acesso em: 11 mai. 2024.

XAVIER, Mateus Silva et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.
Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22665. Acesso em: 11 mai. 2024.